Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade

Teresa Pinheiro

Resumo

H. Bloom postula que a subjetividade moderna é uma invenção de Shakespeare. S. Freud diz que a subjetividade se constitui como invenção de dois adultos, conforme a descrição que faz de "Sua Majestade o Bebê". O artigo tenta aproximar as duas concepções e questiona qual modelo seria

mais representativo nos dias de hoje. Busca também pensar o modelo melancólico de

subjetividade em termos de suas características positivas e não daquilo que falta ou que deixou de

existir.

Unitermos

Subjetividade; melancolia; narcisismo; clínica psicanalítica; contemporaneidade.

Harold Bloom nos diz no seu livro- Shakespeare: a invenção do Humano - que a idéia

do personagem ocidental, do ser como agente moral, pode ter diversas origens: Homero e

Platão, Aristóteles e Sófocles, a Bíblia e Santo Agostinho, Dante e Kant, mas que a

personalidade como entendemos atualmente, esta é uma invenção shakespeariana. Segundo

Bloom, antes de Shakespeare, homens e mulheres foram representados, envelhecendo e

morrendo, mas não se desenvolviam a partir de alterações interiores e sim em decorrência de

seu relacionamento com os deuses.

"Em Shakespeare, os personagens não se revelam, mas se desenvolvem, e o fazem porque têm a capacidade de se autorecriarem. Às vezes, isso ocorre porque, involuntariamente, escutam a

1

própria voz, falando consigo mesmos ou com terceiros. Para tais personagens, escutar a si mesmos constitui o nobre caminho da individuação, e nenhum outro autor, antes ou depois de Shakespeare, realizou tão bem o verdadeiro milagre de criar vozes, a um só tempo, tão distintas e tão internamente coerentes, para seus personagens principais, que somam mais de cem, e para centenas de personagens secundários, extremamente individualizados." BLOOM (2000, p.19)

A concepção de invenção da subjetividade de que Bloom nos fala não é novidade para a psicanálise. Freud (1914) em "Sobre o narcisismo: uma introdução" nos diz que "Sua Majestade o bebê" é uma invenção de dois adultos. Este texto, considerado um momento de virada importante no corpo teórico da psicanálise, surge quando a construção freudiana parecia já estar devidamente alinhavada, na costura entre o complexo de Édipo e a sistematização do inconsciente, tendo o recalque como eixo ordenador. A afirmação de Freud de que a subjetividade é uma invenção de dois adultos é uma afirmação que recusa qualquer idéia essencialista e concebe a subjetividade como criada pela fantasia e pela subjetividade de adultos. Essa formulação vem como conseqüência de sua proposta de aparelho psíquico entendido como um aparelho de interpretação. Sem isso não poderia conceber os parâmetros conceituais que constituem o seu aparelho de linguagem. Para interpretar seus semelhantes esse aparelho terá, necessariamente, que atribuir a eles uma vida subjetiva como a sua.

Dependendo do modelo fantasmático de que o aparelho psíquico disponha, como pano de fundo, os conceitos de identificação, clivagem, e a forma discursiva serão totalmente distintos metapsicologicamente, conforme foi trabalhada por Pinheiro (1993, 1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 1999). Na formulação do conceito de identificação por traços na histeria, por exemplo, o objeto é interpretado e dele o sujeito recolhe um traço para identificação. É através deste modelo que podemos conceber o Eu como um precipitado de identificações. Este processo de identificação pressupõe, por sua vez, uma possibilidade fantasmática. Só posso me identificar, no modelo por traços, se puder me colocar no lugar do outro, se puder achar que

desta forma posso ter acesso à sua subjetividade a ponto de interpretá-la. Essa forma fantasmática visa desvendar a subjetividade do outro mas aceita o engano, a dúvida e, sobretudo, aceita que algo pode escapar desta apropriação.

Neste exercício fantasmático, o pensamento, o desejo, as fantasias, o prazer, a dor e a tristeza dos personagens envolvidos podem ser totalmente conhecidos. A ambição é, pela via fantasmática, tornar familiar todos os mistérios da diferença dos sexos, dos desejos inconscientes que movem as pessoas, da solidão que comporta a singularidade de cada um. Na varinha de condão da fantasia histérica todas as surpresas são antecipadas, todos os desejos imaginados, todos os desencontros humanos, representados. Pois o que interessa é colocar-se no lugar do outro para saber o que o outro quer, sente ou pensa. A fantasia terá portanto um papel fundamental na concepção de aparelho psíquico freudiano. É pela possibilidade de fantasiar que o Eu se identifica, produz sintoma, interpreta o semelhante, se representa no futuro, é capaz de se auto-observar, estabelece uma conversa consigo mesmo, atributo tão valorizado nas vozes que Bloom destacou.

Esse modelo fantasmático se respalda e ao mesmo tempo constitui uma produção discursiva do sujeito sobre si, sobre o mundo e sobre a vida. Mas este não é o único modelo de subjetivação que encontramos no texto freudiano. Quando Freud afirmou que na melancolia *a sombra do objeto caiu sobre o Eu*, ele precisou redefinir uma forma de identificação que chamou de narcísica e que metapsicologicamente era inteiramente distinta da identificação por traços da histeria. Se tomarmos a metapsicologia da melancolia temos uma descrição de identificação como sendo uma apropriação do objeto como um todo, de uma imagem total, mimeticamente. O objeto torna-se um posseiro, esse é, no final das contas, o sentido da postulação de que *a sombra do objeto caiu sobre o Eu*. O Eu como um precipitado de identificações, fruto de uma pluralidade de introjeções, nada tem de parecido com a proposta de

se tornar uma cópia do objeto. Teríamos aí um modelo fantasmático que produz um tipo de identificação totalmente diversa da produzida no modelo histérico.

Estamos habituados a pensar que a psicanálise é uma prática clínica que se apóia no pressuposto de que a palavra pode ser pensada como tendo um valor performativo. Um exemplo clássico da filosofia da linguagem do valor performativo da palavra é o do juiz ou do padre que declaram os noivos casados e esta simples declaração muda o estatuto civil desses indivíduos. Este exemplo só vem confirmar para psicanálise o valor simbólico da palavra, que a palavra faz ato.

Poderíamos dizer que no mundo contemporâneo a imagem também tem esse valor performativo. Na sociedade de consumo é a aparência, a indumentária, os bens, os objetos que pretendem dizer ou transformar aquilo que se é. As propagandas sem texto que mostram um homem fumando no alto de uma montanha nevada pretendem induzir que uma imagem por si só é capaz de falar sobre o que se pode ser e o que se pode sentir.

O mundo de Freud também está cheio de imagens. A imagem do cavalo, no pequeno Hans, a imagem dos lobos na árvore, no Homem dos Lobos, as imagens das babás austríacas, todas capazes de produzir efeitos sobre o sujeito. Mas essas imagens trazidas por Freud para a literatura da clínica psicanalítica, diferentes das imagens da contemporaneidade, são imagens que remetem a proibições, regras, interditos, sexualidade, valores de uma cultura, costumes de uma sociedade e produzem um tecido imaginário que dará estofo às âncoras narcísicas do sujeito, fará acordos de sintoma e determinará o colorido do que Freud chamou de precipitado de identificações do Eu e que, por fim, dará ao sujeito os pilares do que pode ser sentido por ele como sendo a certeza de si. Além disso, não podemos esquecer que essas imagens contribuem para a invenção de uma subjetividade montada num ideal de heróis e princesas, uma invenção idealizada que seria, como Freud apontou, a projeção do narcisismo desses pais sobre a criança.

No mundo contemporâneo os heróis e as princesas mudaram, são produzidos na televisão, perderam o caráter de referencial permanente, são mais descartáveis.

Na concepção freudiana, "Sua Majestade o bebê" seria a invenção idealizada da qual o sujeito dispõe como recurso, como um solo de identidade que funcionaria sempre como referencial privilegiado do sujeito. Mas, e quando a invenção não pode alçar vôos majestosos de criar princesas e heróis e quando a invenção não tem a marca grandiosa da onipotência dos inventores e é titubeante ou ainda quando é descrita desta forma: "só ganhei simpatia e uma certa amizade pelos meus filhos quando fizeram 6 ou 7 meses , antes eram verdadeiros estranhos para mim"? O universo político e cultural em que estamos inseridos pode alterar os modos de produção fantasmática.

Ehrenberg é um autor ocupado e preocupado com a subjetividade contemporânea, segundo ele:

"A decomposição progressiva do universo institucional e mental republicano redefiniu fronteiras e conteúdos da vida pública e privada: cada um quer e deve se tornar o ator de sua própria vida. Esta mistura de aspirações e normas desenha um estilo de relação com a sociedade que faz da auto-estima a condição de ação. A auto estima não é mais o egoísmo de um Eu soberano se satisfazendo sozinho da sua felicidade privada mas um Eu dividido confinado ao seu inferno privado: ela implica, evidentemente, a preocupação com o outro, pois não há Eu sem nós" (EHRENBERG, 1995, p. 23).

Podemos dizer que o Eu ganha existência não mais apoiado por um referencial interno do seu discurso sobre si mas sobre o que o outro atesta que vê, por aquilo que espelha. Ele não é aquilo que ele mesmo produz como sendo o Eu mas o que o outro atesta que ele é. Ehrenberg nos diz ainda no mesmo livro:

" A experiência do mundo e de si se misturam, as referências simbólicas não são fornecidas antecipadamente. Atingimos a idade do homem o que significa que somos responsáveis por nós mesmos a um ponto jamais encontrado na história das sociedades modernas. esse aumento de responsabilidade nos torna, no seu movimento mesmo, mais vulneráveis, pois ela supõe o aumento de capacidade de cada um para agir a partir de sua autoridade privada e seu juízo pessoal sem os quais balançamos na impotência e sofrimento psíquico (...) Imagem de si e sensação de si, esta distinção comanda a escolha que faz a anatomia transversal de objetos tão diferentes como a televisão e a droga, dois dispositivos para desinibir a individualidade pela fala e a sensação. Mais solicitado, o indivíduo encontra soluções na ingestão de drogas e medicamentos psicotrópicos que o sustentam; mais ávido de reconhecimento, ele testemunha sua própria vida na televisão esperando encontrar referências para agir."(EHRENBERG, 1995, p.24)

A sociedade de consumo nos oferece uma profusão de imagens como modelos de ideais de Eu , imagens momentâneas que se sustentam na proposição de que se tivermos o carro tal, usarmos a roupa tal, então entraremos no reino de uma felicidade sem qualquer arranhão. Esse tema é amplamente debatido por Lasch (1983),Costa (1994), Calligaris (1996) e Pinheiro(1999). A felicidade que consiste na esperança e na aposta depositada no ideal do Eu torna-se um punhado de coisas, de imagens estáticas sem nenhum valor social embutido nelas. Na sociedade de consumo os objetos são oferecidos como ornamentos fundamentais para a construção da imagem de ideal, que em vez de se ocupar com um ideal de como se deseja 'SER', um modelo de como o sujeito deseja ser no futuro, passa a se ocupar com o que ele precisa 'TER' pois ele é antes de tudo uma imagem. A composição do ideal do Eu deixa de se constituir como uma imagem onde o privilegiado são os valores, o desenho que fazem do seu percurso de vida, para passar a ser um mero ícone. Como se a imagem, com seus emblemas, falasse por si só. O ter esses objetos é ser alguma coisa que não precisa de predicados.

As imagens do mundo contemporâneo dos videoclipes, das propagandas, do espetáculo, parecem remeter a um prazer indizível e ilimitado, ao gozo, distante das imagens de Freud que remetem à sexualidade, valores, regras e interditos. As postulações feitas por Birman (2000)

sobre o "fora de si" e o "dentro de si" contribuem para esclarecer a questão. As imagens atuais não são capazes de construir uma produção discursiva bordada por adjetivos, metáforas, hipérboles, remetem ao concreto do corpo enquanto imagem e ao corpo das sensações ou do objeto capaz de produzir sensações. Neste sentido o tecido fantasmático e a forma de construção fantasmática serão inteiramente diversos do modelo da histeria quando a cena fantasmática implica em movimento numa relação de causa e efeito entre os personagens e portanto em uma inserção na temporalidade onde os fatos devem se encadear com intervalos de tempo onde a subjetividade dos personagens dá ao sujeito da fantasia a ilusão de serem para ele facilmente desnudadas.

O modo de produção fantasmática, a relação com o tempo e o corpo e a forma discursiva dos pacientes que hoje nos procuram vão colocar questões para a clínica que precisamos começar a responder.

Acreditamos que a terceira formulação da fantasia de *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919) pode nos esclarecer sobre as novas subjetividades. Tomamos aqui este terceiro momento não como síntese e resultado dos dois momentos anteriores, como é o caso no texto, mas como forma de produção fantasmática primeira e única nas melancolias. A questão, nesta formulação apresentada no texto de Freud como sendo o terceiro momento, não é a de interpretar o desejo dos personagens. Não há movimento na cena, é uma imagem parada, fixa. Como se a cena dispensasse predicados, entrelinhas, conseqüências. A cena por si só seria elucidativa. Não há uma causa que antecede a cena e nenhuma ação futura que dela se possa deduzir. A indeterminação dos personagens de *Uma criança é espancada* e a fixidez da imagem difere totalmente da fantasia histérica onde uma elaboração está em curso e o resultado será uma identificação. A imagem fixa, sem texto, como nos comerciais de cigarro, não encontra contorno nas palavras, é pura imagem, talvez a moldura de que Lambotte (1993) fala como sendo o ideal

do Eu na melancolia, moldura constituída por um olhar que se perde no vazio. O livro de Paulina Rocha e Ana Elizabeth Cavalcanti (2001) sobre o que é chamado de autismo nos mostra que a produção fantasmática está presente e como a fantasia se produz nesses casos. O primeiro parágrafo do livro de Donna Williams, um livro auto biográfico de uma autista, desmente qualquer tentativa de afirmar que o autista não tem vida fantasmática:

"Lembro do meu primeiro sonho, ao menos o primeiro que minha memória registrou. Eu me deslocava no branco, no meio de um espaço vazio. Só o branco com , no entanto, alguns flocos de cores luminosas que me envolviam. Eu passava através, eles me atravessavam. É o tipo de coisa que me fazia rir." (WILLIAMS, 1992, p.19)

Podemos dizer várias coisas sobre esse relato, o fato de ter um único personagem, da cena ser uma descrição de percepções visuais e corporais, o movimento de atravessar e ser atravessada pelos flocos não é um movimento onde podemos prever a cena seguinte, nem é conseqüência de uma cena anterior, por conta disso a cena tem uma imobilidade no seu movimento. Esse modo de produção fantasmática aponta para uma relação peculiar com a temporalidade. Não se trata de um tempo contínuo, de sucessão de fatos com intervalos entre eles, mas de uma sucessão de imagens instantâneas, onde uma imagem perdida coloca também em risco toda a possibilidade de sentido. Como acreditamos que o modo de produção fantasmática, seja ela qual for, histérica ou melancólica, alinhava os modos de produção do aparelho psíquico, nesse modelo fantasmático da melancolia a produção discursiva também será própria.

Na clínica com esses pacientes o texto imagético sobressai através da descrição minuciosa de um cenário que captura a atenção flutuante do analista. Levado à cena pelo analisando, o analista pode ficar preso à descrição de um cenário e se ver subitamente caminhando junto com o analisando pelo cenário. A fala tem uma concretude espacial, delimitando a narrativa.

"A necessidade que determinados pacientes têm de descrever, de recensear o espaço analítico, ilustra esta perspectiva. Para eles é como se fosse possível, com um bom vocabulário e um manejo correto das regras da sintaxe, descrever o mundo com uma tal precisão que todos os ouvintes estariam diante da mesma cena. Em nome de um tal projeto, a ambigüidade e a polissemia das palavras estariam anuladas. Em seu lugar há uma proposta de univocidade, de texto científico, verdadeiros teoremas matemáticos, assépticos e monocórdios.

Através da descrição, a linguagem se transforma num instrumental que depende, para ser eficaz, somente da maestria daquele que a utiliza, perdendo assim sua função interpretativa. Não há entrelinhas, modulação de voz, lapsos, deslizamentos". (PINHEIRO e HOLANDA MARTINS; LO BIANCO (Org.) 2001, p.59)

É feita uma assepsia naquilo que poderia produzir um efeito de deslize, equivocação, provocando confusão, engano, desencontro ou erro. O percebido jamais é apresentado como singular: entra na categoria dos universais. Essa narrativa detalhadamente descritiva lembra o estilo parnasiano e realista onde o autor visava uma descrição tão detalhada e fiel à realidade que todos os leitores veriam a mesma cena. O projeto unívoco nos parece distinto do que chamamos na psicose de "tomar a palavra pela coisa". Nesses analisandos as palavras não são coisas: são atadas ao referente, são absolutas; a linguagem não é um instrumento que constrói e transforma o mundo. No reinado da percepção, o mundo é o equivalente do percebido.

Freud (1917) em *Luto e melancolia* afirma que a questão da melancolia está na ambivalência diante do objeto. Essa frase sempre nos pareceu problemática pois trabalhando com esses paciente o que percebemos é que sentir-se ambivalente diante do objeto é o que não pode acontecer. O que parece impossível nesses casos é se deparar com a ambivalência, o paradoxo, a contradição. A ambivalência e ambigüidade são, então, pares necessários. Uma é solidária da outra: sem ambivalência não se conhece a ambigüidade, o deslizamento, o engano, o tropeço, a polissemia; ao mesmo tempo, sem a ambigüidade não se pode aceitar ou compreender a ambivalência e tudo que ela acarreta.

A palavra que se quer unívoca tem como proposta ser uma palavra científica, um teorema. Se a palavra não esconde nada, se é capaz de dizer tudo, se não pode ser atravessada pelas formações do inconsciente, então todo o dito é uma verdade absoluta. Quando não é assim, aquele que o enuncia ou é mentiroso ou não sabe para que servem as palavras: subjetividades transparentes inscritas na temporalidade exclusiva do presente. Para se conjugar passado e futuro, os sujeitos precisam de um tecido fantasmático que implica em movimento e na abertura de possibilidade interpretativa. Para interpretar é preciso admitir a existência do misterioso e do desconhecido e, portanto, do engano e da imprecisão.

A subjetividade trabalha num registro mais duro, mais seco, mais asséptico. O tempo é o presente, as cenas são imagens fixas. Esse discurso traz em seu bojo uma ética e uma estética que lembram alguns dos traços do movimento parnasiano, principalmente na sua oposição ao romantismo.

Essa forma de constituição da subjetividade mantém uma relação com as outras subjetividades inteiramente diferente da subjetividade histérica, pois o outro é o que ele diz e neste dizer não há mistério, subentendido, tropeço, equívoco, nada. Todos seríamos transparentes pois a palavra seria capaz de dar essa transparência. Seres cartesianos re-editados que acreditam ser o que falam e o que percebem.

O mundo pós-moderno é o mundo do tempo presente, do instantâneo do desejo, do invólucro que vale mais que o conteúdo, do corpo que não pode mostrar as marcas do tempo. Uma forma de subjetividade diferente daquela do mundo introspectivo, herdeiro do romantismo. Não podemos continuar a olhar essas formas de subjetividade lançando mão apenas das lentes da histeria. Isto seria , em última instância, uma necessidade de encaixar a clínica na teoria a qualquer custo, numa escuta viciada, incapaz de ouvir o que está sendo dito, insensível ao sofrimento dos analisandos. O que a psicanálise propõe ao paciente na sua prática clínica é que

ele possa sair do registro de um único sentido forjado pelo Eu para uma pluralidade de sentidos.

Não é esse, em último caso, o nosso propósito enquanto analistas? Precisamos adotar esse

método também para poder escutar esses pacientes e construir formas teóricas que nos sejam

mais esclarecedoras e não ficarmos procurando formas de encaixar os pacientes num corpo

teórico. Não é possível continuar afirmando que essas formas de subjetividade não fantasiam, é

preciso investigar melhor o estatuto dessas fantasias que se apresentam de modo tão diverso ao

do modelo da histeria. Se a clínica da psicanálise está voltada para a produção de novos sentidos,

para a aceitação da diferença, do novo, visando desmontar a função alienante do Eu, então é

preciso re-descrever e positivar o que chamamos de melancolia, depressão etc. Porque fechar-se

num rol de crenças auto-explicativas, onde se pressupõe a idéia de uma verdade unívoca, é o

avesso da psicanálise.

Psychoanalytic listening and new clinical demands:

on melancholy in contemporaneity

Abstract

H.Bloom postulates that modern subjectivity is a shakespearean invention. S. Freud writes that

subjectivity is invented by two adults according to his description of "His Majesty the Baby".

The article makes an attempt of approximating both conceptions and questions which one of the

two models would be more representative in present days. It also searches a view of the

melancholic model of subjectivity in terms of its positive features and not in terms of what it

lacks or of what has ceased to exist.

Kev-words

Subjectivity; melancholy; narcissism; psychoanalytic clinic; contemporaneity.

Teresa Pinheiro

Psicanalista e Professora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, autora

do livro Ferenczi: do grito à palavra e co-autora do livro As bases do amor materno.

11

Rua Redentor 313/301, Ipanema, 22421-030, Rio de Janeiro, RJ.

tel.: (21) 2274-4362

e-mail: teresap@alternex.com.br

- recebido em 12/11/01 -

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade , 1.ed.Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.
BLOOM, Harold. Shakespeare : a invenção do humano. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
CALLIGARIS, Contardo. Crônicas do individualismo cotidiano, 1.ed. Editora Ática, 1996.
COSTA, Jurandir. A ética e o espelho da cultura, 1.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
EHRENBERG, Alain. L'individu incertain. Paris: Calamnn-Lévy, Pluriel, 1995.
FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução In: Obras completas Rio de Janeiro: Imago, 1972. vol. 14.
(1917) Luto e Melancolia In: Obras completas Rio de Janeiro: Imago, 1972. vol. 14
(1919) Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais In: Obras completas Rio de Janeiro: Imago, 1972. vol. 17.
LAMBOTTE, Marie.Claude Le discours melancolique , 1.ed. Paris: Anthropos, 1993
PINHEIRO, Teresa. Trauma e melancolia. Revista Percurso . São Paulo, nº 10, p. 50-55, 1993.
Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a
melancolia. Cadernos de Psicanálise SPCRJ. Rio de Janeiro, nº 15, p. 20-28, 1993.
A castração: do interdito ao desamparo Revista Saúde, sexo e educação,
IBMR, Rio de Janeiro, nº12, p.41-44, 1997a.
Num tempo sem ilusão IV Forum Brasileiro de Psicanálise, Rio de
Janeiro,p. 41-45,1997b.
O estatuto do objeto na melancolia Cultura da ilusão,1.ed. Rio de Janeiro,
Contra capa, 1998a, cap.6, p.119-130.
Pour une metapsychologie de la melancolie" Cliniques Méditerranéennes ,
n° 57/58, p.209-222, Ramonville Saint-Agnes, Ères, 1998b.

Em bus	sca de uma	metapsicologia	da mela	ncolia,	BIRMAN,	Joel	(Org.)
Sobre a psicose, Rio de Jane	eiro, Contra d	capa, 1999a, cap	.2,p.29-44	l .			_
Sublima	ção e ideali	zação na obra d	e Freud C	Caderno	s de Psicar	iálise	, p.11-
24, n°18, SPCRJ, 1999b.		_					_

PINHEIRO, Teresa, JORDÃO, Alexandre e MARTINS, Karla Patrícia de Holanda. A certeza de si e o ato de perdoar **Cadernos de Psicanálise**, nº 17,p.160-175, SPCRJ, 1998.

PINHEIRO Teresa e HOLANDA MARTINS, Karla, no capítulo "O texto imagético: parnasianismo e experiência analítica" do livro :LO BIANCO, Anna Carolina (org.), **Formações teóricas da clínica**, 1.ed. Rio de Janeiro, Contra capa, 2001,cap. 3, p.57-72.

ROCHA, Paulina. e CAVALCANTI, Ana Elizabeth. - **Autismo** , 1.ed. São Paulo:Casa do Psicólogo, 2001

WILLIAMS, Donna - **Si on me touche, je n'existe plus**, 1.ed. Paris: Robert Lafont, Coleção J'ai lu, 1992.